
Diversidade religiosa no Rio de Janeiro: um produto fotojornalístico¹

Larissa TEIXEIRA²

Daniela OLIVEIRA³

Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro – RJ

RESUMO

A religião é parte integrante da cultura de uma determinada região. Na cidade do Rio de Janeiro, múltiplas fés convivem e se correlacionam. Este artigo explora a diversidade religiosa no Rio a partir de um ensaio fotojornalístico que captura manifestações de fé de diferentes religiões. Com base em teorias do multiculturalismo, da religião e do fotojornalismo, o projeto procurou promover a compreensão e o respeito inter-religioso. A importância da religião como parte intrínseca da cultura, transmitida entre gerações, e como a colonização globalizou religiões, mas também fomentou o etnocentrismo é ressaltada, ao mesmo tempo em que o ensaio destaca a pluralidade das expressões distintas da fé, mostrando como algumas religiões se apresentam em seus habitats. O foco na cidade do Rio de Janeiro revela desafios e oportunidades na coexistência religiosa.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade; Religião; Cultura; Fotojornalismo; Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

A religião tem exercido um papel fundamental ao longo dos séculos na construção das sociedades. A evolução humana testemunhou a emergência de diversas expressões religiosas ao redor do mundo. Com o avanço da tecnologia, a diversidade religiosa tornou-se mais visível e globalizada, transcendendo fronteiras geográficas e culturais.

Nesse cenário complexo, a cidade do Rio de Janeiro emerge como um microcosmo representativo da diversidade religiosa. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE, 2010), o Rio conta com uma população estimada de quase sete milhões

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista graduada pelo curso de jornalismo da Universidade Veiga de Almeida – UVA. E-mail: larissa.dst@gmail.com

³ Professora dos cursos de jornalismo e publicidade da Universidade Veiga de Almeida; Mestre em Comunicação pela PUC-Rio e Doutoranda em Comunicação da PUC-Rio. E-mail: daniela.oliveira@gmail.com

de habitantes e mais de 20 religiões coexistentes. Assim, a cidade se destaca em um cenário de intensa interação cultural, refletindo a realidade da multiplicidade religiosa. Porém, o cristianismo ainda é predominante. Contudo, a presença de uma fé predominante não deve ser confundida como superioridade, pois a inclusão e o respeito pelas diversas crenças são pilares para harmonia.

O legado de Franz Boas (2017) na antropologia cultural é essencial para compreender como a cultura molda as escolhas individuais em relação à religião. A liberdade de expressão tem se tornado uma pedra angular da contemporaneidade, em que a multiplicidade de escolhas é valorizada e protegida. Cecchetti e Oliveira (2015) enfatizam a importância de respeitar as diversas identidades culturais, incluindo a religião, para promover a dignidade humana.

Garantir uma interação positiva entre diferentes identidades culturais é parte da busca pela promoção da dignidade humana. Valorizar e reconhecer a diversidade implicam considerar que cada sujeito e grupo social têm se forjados num processo histórico diferente, constituindo identidades a partir de uma perspectiva que condiciona, possibilita e limita um modo de ser (CECCHETTI E OLIVEIRA, 2015, p.184).

Todavia, a crença religiosa não está isenta de desafios, sendo um terreno no qual o fanatismo, em certos casos, pode florescer. O fanatismo, uma "fé exagerada" em algo ou alguém, pode resultar em violência, como Bingemer (2007) observou. Mesmo em um contexto legal que criminaliza a intolerância religiosa no Brasil, casos de discriminação ainda persistem, exibindo a relevância da conscientização. Parte significativa deste estudo propõe justamente a demonstração de que a fé de um indivíduo não invalida a de outro.

Acompanhado de um ensaio fotojornalístico, este artigo procura retratar a diversidade religiosa no Rio de Janeiro, capturando manifestações de diferentes religiões. O ensaio baseia-se em encontros e cerimônias religiosas de quatro religiões: budismo, catolicismo, islamismo e umbanda, que visam não apenas expor as crenças, mas também promover uma perspectiva que enxerga a multiplicidade religiosa como um valor cultural, evidenciando o multiculturalismo da sociedade.

A RELIGIÃO COMO FATOR CULTURAL E DE MUDANÇA NA SOCIEDADE

A cultura é um elemento de grande importância para a sociedade. Tratando-se de um conjunto de características desenvolvidas pelos indivíduos com o passar do tempo, ela

considera o ambiente em que estes estão inseridos (BOAS, 2017). Vai além do individual e engloba a sociedade como um todo, porém com divisões caracterizadas por diversidades, que se apresentam de forma consonante às suas particularidades.

Para a cultura, tudo tem uma explicação, cada fase da vida social e pessoal do ser humano é desenvolvida a partir de atributos pré-estabelecidos no ambiente social em que ele vive. Assim, para os estudiosos do multiculturalismo, toda a vivência de uma pessoa se transforma em elementos culturais, revelando que, conforme o ambiente estabelecido a sua volta, a população se molda à situação. Dessa forma, costumes, crenças, gestos, vestimentas, lazer, são todas singularidades adquiridas no meio social em que um indivíduo se encontra.

Nenhuma área da vida humana é referência imutável, ao contrário, todas são condições que divergem conforme a cultura local, pois essas referências são singularidades de um determinado grupo social. Segundo Cecchetti e Oliveira (2015) a espécie humana assumiu diferentes formas no tempo e no espaço. Em determinados contextos históricos, cada sujeito se forma como um ser único e, ao mesmo tempo, como uma multiplicidade em uma ou mais culturas por meio de redes entrelaçadas de relações com o outro, com a natureza e com o desconhecido, que produzem símbolos, saberes e práticas significativas.

Ao analisar a definição de cultura, nota-se que ela não é a mesma para todos, e por isso, as diferenças sociais, que moldam a diversidade cultural global, se tornam fator de estudo para os cientistas. Para Franz Boas (2017), antropólogo que trouxe o relativismo cultural como um estudo, não é correto fazer juízo de valor entre culturas. Para ele, há a necessidade de estudá-las e entendê-las como parte integrante da sociedade, sem inferiorizar uma perante a outra.

Cada vez mais a relação entre religião e cultura torna-se clara, uma vez que a religião é um conglomerado de costumes que levam a crença se tornar real na mente humana, tendo a fé como consequência. Dentro das religiões, elementos culturais específicos de cada povo são incorporados, fazendo com que sejam únicas e especiais para o seu seguidor.

As religiões fazem parte da cultura humana, e, portanto, cada religião é peculiar, por expressar diferentes linguagens, diferentes formas de acreditar, de celebrar, de rezar, e de relacionar-se com alteridade e de simbolizar de formas diferentes esses fenômenos religiosos vivenciados pelos membros de cada cultura. (KADLUBITSKI e JUNQUEIRA, 2010, p. 3).

A religião se revela como um elemento de inestimável importância para indivíduos, permanecendo uma presença constante em discussões que abrangem todos os aspectos da sociedade. Abordagens religiosas variam significativamente, moldadas pela situação em que se encontram. Algumas exibem afinidades, enquanto outras são notavelmente distintas, mas todas possuem uma identidade singular. Heller, Notaker e Gaarder (2001) tecem sobre a necessidade de desmistificação dessas religiões e pelo fornecimento de um entendimento sólido a respeito delas para a sociedade como um todo.

Para Kadlubitski e Junqueira (2010, p. 126) “a cultura é local e é elaborada segundo os acontecimentos históricos particulares de um contexto”. Todos os aspectos pré-estabelecidos em uma comunidade são passados para frente, assim seus hábitos, tidos como de importância primordial para aquele grupo, circulam entre séculos, fazendo com que a cultura se eternize e os costumes sejam mantidos dentro do espaço. Por isso, o indivíduo e a religião são como unha e carne, um conduz o outro, e os dois se complementam. Este é o sentimento impregnado do indivíduo em relação à doutrina, é uma relação de amor e fé que se estabelece de forma clara. Não há dúvidas nessa relação: a pessoa doa sua vida por aquilo, não existe mais subjetividade, ela passa a fazer parte da comunidade, muitas vezes se dispondo a qualquer coisa pelo que acredita. Heller, Notaker e Gaarder (2001), concluem que, neste ponto, não há distinção entre a ética e a religião. A noção do ser humano como uma criação divina implica que ele é responsável perante uma divindade superior por tudo o que faz, ritual, moral, social e politicamente.

Por conta da presença de diversas religiões diferentes na sociedade, estas precisam de um amplo amparo, e uma maior abordagem, para que sejam desmistificadas. Religiões como budismo, islâmismo, e umbanda, ainda são taxadas de forma mítica e secundária. Por isso, estas religiões, assim como o catolicismo, a religião considerada “padrão”, são abordadas no produto fotojornalístico que acompanha este artigo, de modo a observar como todas elas possuem a fé em algo como elemento primordial para sua subsistência.

Ao desenvolver-se, a humanidade inicia um ciclo de criação de novos valores distorcidos e a ideia de superioridade nas pessoas baseadas em poder aquisitivo, raça, intelecto e gênero. Bingemer (2007) afirma que ao colocar sua crença acima de qualquer outra, acreditando fielmente que há somente uma verdade, a diversidade religiosa é negada por parte dos adoradores. O desejo pelo intocável causa emoções irreversíveis para o bem e para o mal. Cegos pela devoção, não consideram mais nada ao seu redor, apenas a fé importa.

O preconceito religioso é algo que existe desde o início da civilização. Durante a colonização mostrou-se intenso. Como diz Chicchetti e Oliveira (2015), crenças são colocadas em detrimento de outras para tentar uma homogeneização da sociedade em relação à religiosidade. A repressão em relação às religiões não consideradas “padrão” ganhou ainda mais espaço durante a colonização, e se expandiu pelo mundo.

Com o avanço global e tecnológico, a diversidade religiosa se disseminou por todo canto, transportando as variadas religiões, anteriormente confinadas a localidades específicas, para locais inesperados. Entretanto, os colonizadores procuravam impor normas culturais e manter uma uniformidade, promovendo o etnocentrismo nas regiões onde se estabeleciam. Exemplos desse cenário incluem tentativas de forçar a assimilação à cultura europeia e ao cristianismo: "Na história da América Latina e do Caribe, especialmente na sociedade brasileira, a diversidade religiosa foi alvo de combate, perseguição e invisibilidade" (CECCHETTI e OLIVEIRA, 2015, p. 183). Grupos inteiros chegaram a ser dizimados ao não seguirem um dogma requisitado. Indígenas foram exterminados por portugueses e espanhóis durante a colonização, ao serem considerados seres inferiores (OLIVEIRA, 2007).

Mesmo com o desenvolvimento da humanidade, as questões de intolerância não foram findadas. Um pouco distante do século XVI, após à chegada dos portugueses no Brasil, iniciou-se a opressão dos povos habitantes originários, e, mais a frente, no século XX, na Europa, o holocausto. Não muito distante da atualidade, esse movimento foi responsável pela morte de milhões de judeus, logo depois de serem perseguidos, hostilizados e assassinados.

DIVERSIDADE RELIGIOSA NO RIO DE JANEIRO

No último Censo Demográfico Brasileiro de 2010, mais de 20 religiões estavam presentes e atuantes no Rio de Janeiro. Dentre elas, o catolicismo era predominante na cidade, apesar da existência de várias religiões no território carioca (IBGE, 2010). A religião católica, assim como o cristianismo no geral, domina o Rio e o Brasil há décadas, mas isso não impediu, nem impede, outras religiões de se manifestarem.

Rodrigues (2006) fala que, nas décadas passadas, a cada rua, esquina ou bairro que se andava pelo Rio, já era possível encontrar uma igreja, centro, templo, mesquita ou

local de manifestação religiosa (a nomenclatura do local sagrado em que as pessoas dispõem sua fé deriva de acordo com a religião em questão). No entanto, na atualidade, alguns desses centros religiosos ainda não estão presentes em todos os bairros cariocas devido à dificuldade de manter-se em diversos lugares pelo desconhecimento da população sobre muitas dessas religiões existentes. A intolerância religiosa também dificulta a adesão de fiéis em uma cidade composta, majoritariamente, pelo cristianismo, tornando mais comum a visualização de igrejas católicas, e principalmente evangélicas, em todas as zonas cariocas.

Deste modo, uma hierarquia é composta na sociedade, e também uma elitização das religiões, pois alguns templos são encontrados somente em zonas específicas da cidade, enquanto em outras não há sinal de manifestação religiosa de certas crenças, fazendo com que o acesso da população a algumas dessas religiões presentes na cidade seja dificultado.

A religião evangélica, ainda que menor em número de aderentes do que a católica, cresceu bastante no Brasil inteiro desde o século XX, quando a diversidade ainda não era tão abordada. Os cariocas não ficam então atrás do resto do Brasil, seguindo a mesma tendência dos números nacionais (JACOB, 2004). Com o aumento significativo de seguidores, o evangelismo se incorporou de forma marcante à cultura do Rio. Assim como as religiões de matriz africana, que integram a narrativa aqui escolhida e não foram abolidas, apesar da discriminação recorrente as quais foram expostas, e ainda são até os dias atuais.

Apesar de ser um local plural, a discriminação também aparece na cidade. Embora as religiões de matriz afro-brasileiras não sejam uma novidade no Rio, elas sempre estiveram envolvidas em conflitos religiosos devido ao preconceito. No estado do Rio de Janeiro, o combate ao crime de intolerância religiosa ganhou força propiciada pelos movimentos realizados por essas religiões (MIRANDA, 2014).

“[...] passou a ocupar na esfera pública do Rio de Janeiro a partir da composição da comissão de Combate à Intolerância Religiosa, que se constituiu como um movimento de organizações religiosas, inicialmente apenas de matriz afro-brasileiras [...]” (MIRANDA, 2014, p. 105).

Essas e outras crenças sofrem com a agressão vinda de diferentes grupos religiosos, que desrespeitam constantemente as escolhas individuais do cidadão. Por anos, líderes religiosos apoiavam abertamente atitudes contraditórias em favor de sua crença

(MIRANDA, 2014). Não muito distante da realidade, barracões já foram destruídos, e pessoas foram agredidas e inferiorizadas em razão de sua fé na cidade do Rio.

Novaes (2012) fala sobre o ensino religioso, destacando aspectos como o Brasil, sendo um estado laico, confere direitos de liberdade religiosa a todos os cidadãos brasileiros, porém, em contrapartida, projetos de lei sobre Ensino Religioso Confessional já foram aprovados em escolas públicas no Estado, gerando uma controvérsia sobre o respeito às demais religiões.

Embora o estado do Rio de Janeiro conte com a implementação de leis que incitam o respeito e a criminalização de atos discriminatórios, a liberdade religiosa, prevista na Constituição, aplica-se então somente a alguns grupos religiosos, enquanto o outro lado corre o risco de sofrer represálias ao expor sua opinião. As ações tomadas pelas autoridades públicas não se mostram suficientes para cessar o preconceito religioso presente em todo o Rio de Janeiro.

FOTOJORNALISMO E SUAS NUANCES

No jornalismo, o trabalho feito por meio de fotos, denomina-se fotojornalismo, e a abordagem sobre qualquer tema pode ser realizada a partir desta perspectiva. A área fotojornalística transformou a comunicação por meio das imagens que começaram a ser produzidas de acordo com o avanço tecnológico. Souza (1998) fala que “as primeiras manifestações”, que devam ideia de fotojornalismo, são notadas ao que os primeiros “entusiastas da fotografia” decidem indicar seus aparelhos fotográficos para um episódio, com intenção de expor ao público uma imagem que testemunhasse os acontecimentos.

O fotojornalismo surge na imprensa como elemento complementar de textos, contudo não se mantém em um espaço específico, sendo utilizado em várias áreas da comunicação jornalística.

Para Andión (1988 *apud* SOUSA, 2002) a expansão do fotojornalismo foi responsável por gerir grandes imagens de guerras e conflitos. Nesse momento, as imagens começaram a gerar emoção no telespectador, o que é um dos grandes pontos do fotojornalismo: gerar emoções e informações apenas por meio de imagens

Ao falar de fotojornalismo, imagens impactantes vêm ao nosso imaginário. Cenas de grandes acontecimentos, como guerras e atentados, são logo recordadas. Para Buitoni (2011), a maioria dos prêmios de fotojornalismo é atribuída a imagens que retratam

situações críticas. Mas existem muitas maneiras de se fazer fotojornalismo que, inclusive, demandam especialização: esportes, gastronomia, natureza, moda, arquitetura, automóveis, artes, beleza, colunismo social, entretenimento, saúde, turismo e outros.

O fotojornalismo é, na realidade, uma atividade sem fronteiras claramente delimitadas. O termo pode abranger quer as fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projectos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos features (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras. De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo, entendido de uma forma lata, é informar (SOUSA, 2002, p. 7).

Da mesma forma que em outras áreas, o fotojornalismo se expandiu como meio de produção de conteúdo jornalístico, por isso a variedade de temas abordados cresceu “[...] é também uma história que assiste, gradualmente, ao aumento dos temas fotografáveis, o mesmo é dizer, a uma história que assiste à expansão do que merece ser olhado e fotografado” (SOUZA, 1998, p. 9). Deste modo se expandiu o fotojornalismo para áreas diversificadas do cotidiano, abrangendo questões sociais e de entretenimento, todas que, de formas diferentes, prendem a atenção do público e oferecem informação, e distração, dentro dos trabalhos produzidos.

Ao tratar de fotografia na imprensa, é preciso compreender que houve relutância da imprensa na aceitação da sua introdução nos jornais, que eram o principal meio de comunicação jornalística da época “as fotografias surgiam nos jornais do século XIX como um pouco menos do que intrusas” (SOUSA, 1998, p. 38).

Apesar do seu grande potencial informativo, os editores se negavam a fazer uso das imagens fotográficas no jornalismo. “Esses editores desvalorizavam a seriedade da informação fotográfica e também consideravam que as fotografias não se enquadravam nas convenções e na cultura jornalística dominante” (HICKS 1952 *apud* SOUSA, 2002, p. 13). Mais para frente, as mudanças começam a acontecer. Em 1904, o “Daily Mirror”, primeiro tablóide fotográfico, faz história e marca uma mudança no ponto de vista jornalístico (SOUSA, 2002).

Ao se tornar mais relevante na comunicação, a fotografia sai de coadjuvante para elemento principal do jornalismo (BAYNES, 1971 *apud* SOUSA, 2002), mexendo na sua estrutura. A fotografia ganha espaço nos jornais no século XIX, e se consolida como elemento importante e decisivo da informação (BUTONI, 2011).

Com a multiplicidade cultural existente no mundo, o indivíduo entende as mensagens exibidas de acordo com seu contexto. Dessa forma, a organização de

elementos na composição fotográfica jornalística faz-se necessária para a transmissão de uma mensagem clara e sem ruídos.

Por mais que o jornalismo busque a imparcialidade, segundo os estudiosos, a imparcialidade fica de fora deste método. Para Buitoni (2011), apesar de buscarmos transpassar os fatos em sua maior legitimidade, e tidas inicialmente como um espelho da realidade e da verdade, as imagens têm seu significado derivado conforme as circunstâncias. A técnica surgiu para aprimorar as imagens e sua mensagem. O fotojornalismo, um produto que é feito de um ser humano pensante para outro, contudo, que se apresentam em diferentes conjunturas culturais, físicas e ideológicas, compreende um tempo e espaço distintos na mente de cada um.

Qualquer tipo de foto, seja jornalística ou não, assim como aspecto religioso, detém uma concepção do autor. Tendo em consideração a existência do prejulgamento do fotógrafo sobre a mensagem que deseja transmitir, também é necessário compreender que o consumidor do produto final terá suas próprias interpretações. Por isso, fotografias eram, e ainda são, em algumas situações, acompanhadas de textos, para não haver falhas na comunicação, o que pode acontecer facilmente. Ao fazer uma foto, o autor sabe exatamente o que deseja transmitir, por isso o fotojornalismo cresceu como instrumento da comunicação (SOUSA, 2002).

Ainda segundo Sousa (2002), a habilidade de capturar um momento de forma única, e de enxergar como ele, e a forma que este vai ser registrado, pode impactar muitas pessoas, causando algum tipo de reação em relação aquilo, provocando debates, e fazendo o fotojornalista conseguir mostrar a genuinidade do seu trabalho e a importância do fotojornalismo na sociedade.

Na busca pela reação do público, a intencionalidade aparece como um quesito quase que fundamental para que o produto seja produzido. O fotógrafo reproduz as situações vivenciadas mesclando intenção e técnica, isso faz com que debates sejam gerados em torno desse método. A necessidade de fotografias impactantes traz à tona um pré-conceito presente na sociedade. Imagens feitas de modo a transmitir o “pior” de dada situação são valorizadas, fazendo com que o fotojornalista tenha sempre o intuito de juntar os elementos expostos para compor uma boa fotografia (MARQUE E BIONDE, 2018).

Todavia, apesar do avanço na profissão, o fotojornalista sempre esteve em situação de capturar momentos marcantes, assim, os mais problemáticos estão inclusos

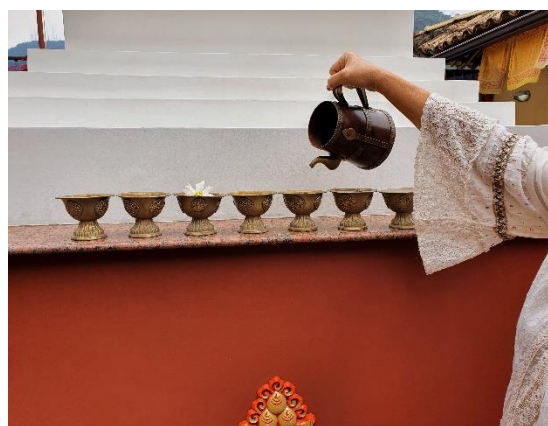
neste quesito. O papel exercido pelo profissional se torna delicado, pois ele está presente em diferentes conjunturas, como tragédias e desastres. Foi nessas circunstâncias que o fotojornalismo se expandiu, então o tipo de produto que apela para a informação e emoção sempre estará presente no ramo

PRODUTO FOTOJORNALÍSTICO

O produto fotojornalístico aqui apresentado foi disponibilizado por meio do site Webnode, dentro do portfólio de uma das autoras. Link para a página do produto: <https://portfolio-larissa-teixeira.webnode.pt/produto-fotojornalístico/>.

Neste artigo serão expostas algumas imagens de cada religião abordada no produto fotojornalístico, com os respectivos locais onde as fotos foram realizadas, para apresentar inicialmente o trabalho prático que acompanha esta pesquisa.

Budismo



CNBT - Centro Nyinga de Budismo Tibetano)

Islamismo



Masjid El Nur - Mesquita da Luz

Umbanda





Casa de Pena Verde

Catolicismo



Basílica Santuário de Nossa Senhora da Penha

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rica diversidade de religiões encontradas no Rio de Janeiro pode simultaneamente criar uma sensação de inclusão para aqueles que buscam um lugar para se identificar, mas também pode desencadear preconceito e discriminação por parte da sociedade. O estigma pré-estabelecido na consciência coletiva frequentemente marginaliza essas religiões e seus seguidores, dificultando sua integração plena na sociedade. Expor e valorizar essas diferentes crenças, ressaltando suas singularidades, é crucial para fomentar inclusão e esperança em uma sociedade menos preconceituosa. O momento atual oferece uma oportunidade valiosa para discutir e compreender a diversidade religiosa como um aspecto cultural digno de respeito.

Por meio do fotojornalismo, esta pesquisa se esforça em promover inclusão, aproveitando o impacto visual para transmitir mensagens significativas para uma ampla gama de pessoas. As imagens têm o poder de reforçar o impacto de informações, muitas vezes, contidas nos textos e alcançar públicos que podem não ser tão receptivos às formas tradicionais de comunicação. Embora haja necessidade contínua de abordagens diversas para combater o preconceito religioso, o fotojornalismo emerge como um caminho intermediário para envolver e educar o público.

Assim, esta pesquisa buscou ilustrar que as escolhas religiosas são intrinsecamente relacionadas ao contexto em que ocorrem. No atual cenário social, seu propósito se estende à desmistificação das várias religiões existentes. Cada religião, com sua origem, história e crenças únicas, carrega autenticidade e validade. Aqueles que desconhecem essas possibilidades são convidados a explorá-las, não para mudar suas próprias crenças, mas para compreender e apreciar a riqueza da diversidade cultural, honrando suas individualidades.

REFERÊNCIAS

Artigos eletrônicos

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico: Amostra Religião - Rio de Janeiro, 2010.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/pesquisa/23/22107>> Acesso em: 8 abril 2022

CECCHETTI, Elcio. OLIVEIRA, LÍLIAN BLANCK DE. **Diversidade religiosa e direito humanos: conhecer, respeitar e conviver.** Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, UNESP, n 4, p.181-197, jun. 2015. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/268/129>> Acesso em: 20 outubro 2022

KADLUBITSKI, Lidia; JUNQUEIRA, Sérgio. **Cultura e Diversidade religiosa: diálogo necessário em busca da Fraternidade universal**. Uberlândia / v. 5 n. 8 / p. 123-139 / jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/406874-Cultura-e-diversidade-religiosa-dialogo-necessario-em-busca-da-fraternidade-universal.html>> Acesso em: 14 agosto 2023

OLIVEIRA, Aurenéa. **PRECONCEITO, ESTIGMA E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais**. Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 13, n. I, p. 239-264, 2007. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKewjnv8mir_r6AhXVCtQKHQaVCvMQFnoECBoQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufpe.br%2Fvistas%2Frevsocio%2Farticle%2Fdownload%2F235387%2F28378&usg=AOvVaw3pT3jTIPI5bLSXIPp3X3ZP> Acesso em: 24 outubro 2022

JACOB, Cesar. **A diversificação religiosa**. Dez, 2004 <<https://www.scielo.br/j/ea/a/yxZ66wFSyPQDYNvS6Yn7NHv/?lang=pt>> Acesso em: 1 de novembro 2022

SOUSA, Jorge. **UMA HISTÓRIA CRÍTICA DO FOTOJORNALISMO OCIDENTAL**. Academia, Porto, 1998. Disponível em <<https://www.academia.edu/download/35945029/HISTORIACRITICADOFOTOJORNALISMO-OCIDENTAL.pdf>> Acesso em: 12 novembro 2022

MIRANDA, Ana Paula. **COMO SE DISCUTE RELIGIÃO E POLÍTICA? CONTROVÉRSIAS EM TORNO DA “LUTA CONTRA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA” NO RIO DE JANEIRO**. Comunicação do ISER. p. 104-118, 2014. <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/11131/Como_se_discute_Religio_e_Politica_Cont.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 1 de novembro 2022

MARQUES, Ângela; BIONDE, Agie. **Um programa de face feminina: uma leitura dos enquadramentos biopolíticos de mulheres empobrecidas em fotografias jornalísticas do Bolsa Família**. 16º SBPJor, FIAM-FAAM, p. 15. Anhembi Morumbi, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1609/752>> Acesso em: 24 outubro 2022.

NOVAES, Regina. **JUVENTUDE, RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO**. p. 25. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/ctrQNC8fpdvZxPLdRjpQsdR/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 1 de novembro de 2022

Livros

BOAS, Franz. **A MENTE DO SER HUMANO PRIMITIVO**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2017.

SOUSA, Jorge. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Porto, 2002. 161 p.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **As cidades e as formas de viver 2: religiões, fé e fundamentalismo.** 2 ed. Rio de Janeiro, 2007. 232 p.

RODRIGUES, João. **As religiões no rio / João do Rio.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. 306 p.

HELLER, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. **O Livro das Religiões.** 1. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 331 p

BUITONI, Dulcilia. **Fotografia e Jornalismo: A informação pela imagem.** São Paulo: Saraiva, 2011. 216 p.